

O Trabalho com as Variações Linguísticas Através do Facebook: Uma Proposta de Protótipo Pedagógico

d.o.i. 10.13115/2236-1499.v1n17p273

Edvania Monteiro da Silva¹ - UPE
Fernando Augusto de Lima Oliveira² - UPE

Resumo: A língua em toda sua imanência caracteriza o patrimônio de um povo, nesse sentido assim como o país, o português brasileiro também comporta uma vasta gama de variações, mais especificamente as linguísticas. Desse modo o presente trabalho objetiva desenvolver um protótipo didático que ofereça subsídios teóricos e metodológicos para o ensino de língua na perspectiva heterogênea, para tanto fundamentamo-nos, primordialmente, na Sociolinguística Educacional, nos Multiletramentos, Multimodalidades e nas Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC's e nos trabalhos de Bortoni-Ricardo (2014; 2005; 2004), Zilles e Faraco (2015), Bagno (2003; 2007), Rojo (2015; 2013), Araújo e Leffa (2016), dentre outros.

Palavras-Chave: Sociolinguística Educacional; Multiletramentos; Protótipo Didático.

Abstract: Language in all its immanence characterizes the patrimony of a people, in this sense as well as the country, the Brazilian Portuguese also carries a wide range of

¹ Graduada em Letras Português/Literatura pela Universidade de Pernambuco.

² Docente e vice coordenador do Departamento de Letras da Universidade de Pernambuco (UPE), *Campus Garanhuns*.

variations, more specifically the linguistic ones. In this way the present work aims to develop a didactic prototype that offers theoretical and methodological subsidies for the teaching of language in the heterogeneous perspective, for which we are based mainly in Educational Sociolinguistics, Multiletramentos, Multimodalidades and Information and Communication Technologies - ICTs and in the works of Bortoni-Ricardo (2014, 2005, 2004), Zilles and Faraco (2015), Bagno (2003, 2007), Rojo (2015, 2013), Araújo and Leffa (2016) among others.

Keywords: Educational Sociolinguistics; Multiletramentos; Didactic prototype.

1. Considerações Iniciais

“A língua, artefato dinâmico, complexo, heterogêneo e variável” (BAGNO, 2007) vem despertando a atenção do homem desde o período Helenístico na antiga Grécia. Nessa conjectura a partir do nascimento da Linguística Moderna através dos postulados de Saussure (1995), a língua tem sido objeto de estudo de várias correntes teóricas.

Nesse sentido o presente trabalho pretende demonstrar sob a luz da Sociolinguística Educacional em consonância com os princípios dos Multiletramentos e das Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC’s, discussões sobre o ensino de Língua Portuguesa no âmbito educacional brasileiro, além de fornecer aos docentes estratégias didáticas pensadas especificamente para um ensino pautado na heterogeneidade linguística.

Para tanto criamos uma *fanpage* no facebook nomeada *Armaria me engula só porque falo assim*³, cuja finalidade é promover discussões sobre as variedades linguísticas existentes no português brasileiro através de apontamentos impulsionados por imagens retiradas das páginas de humor “Bode Gaiato” e “Suricate Seboso”, desse modo objetivamos instigar a tolerância linguística, a Competência Comunicativa postulada por Hymes (1966) e o senso crítico do alunado.

A escolha de utilizar o *facebook* na realização desse projeto se deu pelo fato de que reconhecemos o poder que este exerce na sociedade moderna, uma vez que atualmente consideram-no a maior rede de integração social online do mundo, comportando bilhões de acessos diários e, além do mais reconhecemos que esse *website* participa ativamente do dia a dia dos alunos. É relevante destacar, também, que ainda há poucos/quase nenhum trabalhos na área, isto é, são escassas as pesquisas que se pautem na Sociolinguística Educacional e incorporem simultaneamente o ambiente digital.

É imprescindível salientar que o presente protótipo didático coexiste somente no hipotético, visto que ainda não foi aplicado em sala de aula, todavia, esse consta de todo um aparato teórico-metodológico e é recomendado para turmas de terceiros anos do nível médio.

O artigo está organizado da seguinte forma, primeiramente é feita uma abordagem a cerca das variações linguísticas e suas implicações no âmbito educacional, a seguir é feito um apanhado a respeito dos Multiletramentos e

³ Link de acesso à fanpage:

<https://www.facebook.com/Variacaoaplicadaaoensino/>

das Tecnologias na Educação e finalmente o desenvolvimento do protótipo educacional.

2. Língua, Escola e Variação

Assim como a cultura europeia a língua portuguesa também foi imposta durante o processo colonial, ocasionando uma exclusão dos dialetos indígenas vigentes na época. Desse modo o português passou a ser o idioma oficial do Brasil mesmo após o processo de independência, todavia, empreendendo que uma “língua é a história de seus falantes” (CALVET apud MUSSALIM, BENTES, 2012, p. 51) reconhecemos que ao longo do tempo houve várias transformações e hoje “[...] dizemos que no Brasil se fala português simplesmente por comodidade [...]. Do ponto de vista linguístico, porém a língua falada no Brasil já tem uma gramática – isto é, tem regras de funcionamento [...] os linguistas preferem usar o termo português brasileiro” (BAGNO, 2007, p. 53).

Tendo em vista o PB, neste trabalho visamos a concepção Marcuschiana (apud BEZERRA e LÊDO, 2016) de língua como uma atividade sociointerativa situada, considerando sua constituição como fenômeno histórico e cultural, enquanto atividade sociocognitiva e como lugar de interação social. Nesse sentido defendemos a perspectiva de língua enquanto fenômeno heterogêneo, compreendendo um alto grau de diversidade e variabilidade, onde não há expressões melhores ou piores, apenas diferentes e que merecem ser respeitadas igualmente.

À vista disso, defendemos um ensino de Língua Portuguesa no ambiente escolar pautado nos postulados da Sociolinguística Educacional, que é definida por Bortoni-Ricardo (2014, p. 158) como “[...] o esforço de aplicação dos

resultados das pesquisas sociolinguísticas na solução de problemas educacionais e em propostas de trabalho pedagógico mais efetivas [...]". Isto é, um trabalho no intuito de valorizar a língua em sua totalidade, compreendendo assim tanto a norma-padrão como as variedades linguísticas coexistentes no PB, incentivando o respeito e a importância de ambos.

Diante disto, a temática da variação linguística foi incorporada aos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's na década de 90, com o intuito de direcionar seu tratamento no contexto escolar de uma forma mais humana e eficiente, já que:

No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falarem certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas: saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo saber que modo de expressão é pertinente em função de sua intenção enunciativa... A questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem. (PCNs, 1998, p. 31)

A partir de então, esse documento oficial possibilitou reflexões sobre um ensino de língua transcendente às regras da gramática normativa, desarticulando a dicotomia de certo ou errado, mediante uma proposta de valorização da realidade linguística do discente, pois seus múltiplos contextos sociais e interacionais interferem diretamente em

seu repertório e comportamento linguísticos, além de promover o desenvolvimento da capacidade comunicativa.

As práticas pedagógicas que deveriam ser desenvolvidas a partir das diretrizes postuladas pelo PCN's excluem desse campo os julgamentos sobre o uso linguístico do alunado, uma vez que as variações presentes nesse meio não deveriam ser mais excluídas. O foco desse ensino passa a ser, então, o desenvolvimento da competência comunicativa, em que o discente iria adequar sua linguagem a uma situação comunicativa real, seja no suporte escrito ou oralizado.

Todavia, mesmo com todos os avanços no escopo teórico-metodológico sobre as variações linguísticas e o processo de ensino, a realidade escolar difere-se muito daquilo que é preconizado teoricamente nos documentos curriculares oficiais, uma vez que as aulas de língua materna, na maioria das vezes, giram estritamente em torno das regras da gramática normativa, elegendo a norma padrão com a única aceitável, excluindo, portanto, o que dela se difere.

Dessa forma ocorre um paradoxo, já que a escola deveria ser uma instituição englobadora da língua (e suas variedades), promotora de saberes. Entretanto, trabalha de forma contrária, pois ao renegar os antecedentes culturais do alunado e impor a norma-padrão como a única aceitável, promove a exclusão dentro de seu próprio recinto, causando o sentimento de insegurança, além de demonstrar a ineficácia desse método, que só arraiga ainda mais o preconceito linguístico em nossa sociedade. É o que nos assegura Soares (2011, p. 72), baseada nos preceitos de Bourdieu e Passeron:

a função da escola tem sido precisamente esta: manter e perpetuar a estrutura social, suas desigualdades e os privilégios que

confere a uns em prejuízo de outros, linguagem — das classes dominantes, apresentadas como a cultura e a linguagem legítimas: a escola converte a cultura e a linguagem dos grupos dominantes em saber escolar legítimo e impõe esse saber aos grupos dominados.

Nesse sentido, a escola tende a reprimir os alunos através da dicotomia do erro, tornando-os falantes inseguros diante de sua própria língua materna, “a escola parece simplesmente ignorar a diversidade linguística” (MUSSALIM e BENTES, 2012, p. 78). Desse modo, teorias preconceituosas como o déficit genético ou déficit cultural são invisivelmente institucionalizadas no contexto escolar, culpando os alunos pela inaptidão do próprio recinto que não consegue trabalhar com um tema tão ativo, excluindo o uso linguístico que o aluno traz de seu convívio social. Mediante essa realidade, Bezerra e Lêdo (2016, p. 78) enfatizam que “[...] a variação é tratada como um problema e não como uma característica inerente à língua.”

Esses fatores constituem o que Mussalim e Bentes (2012) denominam de *violência simbólica*, ocasionada pela intolerância linguística no ambiente escolar, isto é, as variedades dos discentes são excluídas através do processo de imposição da norma padrão que vai além dos fatores linguísticos, uma vez que engloba valores de uma cultura fruto da elite dominante.

Esse julgamento sobre as formas linguísticas classificadas como superiores ou inferiores não tem fundamentação teórica, uma vez que só efetivam-se no senso comum, contribuindo para a perpetuação do preconceito linguístico, em que as pessoas são julgadas pelo modo que utilizam o português, sendo muitas vezes taxadas como maus

falantes, ou até mesmo assassinos da língua, ou seja, “[...] julgamos não a fala, mas o falante, e o fazemos em função de sua inserção na estrutura social” (MUSSALIM E BENTES, 2012, p. 44). Bagno (2003, p. 16) ainda aprofunda sua reflexão enquanto a isso, afirmando que:

o preconceito linguístico não existe. O que existe, de fato, é um profundo e entranhado preconceito social. [...] fazer essa mesma discriminação com base no modo de falar de uma pessoa é algo que passa com muita “naturalidade”, e a acusação de “falar errado”, “atropelar a gramática” ou “não saber português” pode ser proferida por gente de todos os aspectos ideológicos, desde o conservador mais empedemido até o revolucionário mais radical.

Nesse contexto, inferimos que somente a norma padrão é supervalorizada em nossa sociedade, uma vez que essa é tida como a forma prestigiada da linguagem, quanto a isso Bortoni-Ricardo (2004, p. 33-34) esclarece que:

[...] os falantes que são detentores de maior poder – e por isso gozam de mais prestígio – transferem esse prestígio para a variedade linguística que falam. Assim, as variedades faladas pelos grupos de maior poder político e econômico passam a ser vistas como variedades mais bonitas e até mais corretas. Mas essas variedades, que ganham prestígio porque são faladas por grupos de maior poder, nada têm de intrinsecamente superior às demais.

Nessas circunstâncias, enquanto temos uma forma linguística tida como prestigiada, simultaneamente

possuímos outras que são estigmatizadas, uma vez que provém de falantes oriundos de camadas sociais mais pobres, com pouco ou nenhum prestígio social, onde as variações presentes em seus repertórios linguísticos são avaliadas como erros e vistas de forma negativa no contexto social como um todo.

Dessa forma cabe ao ambiente escolar lutar contra essas premissas preconceituosas que circundam nossa sociedade, cabendo ao professor de LP a tarefa de desenvolver um trabalho pautado em vertentes teóricas, corroborando para um ensino reflexivo e que promova o desenvolvimento da Competência Comunicativa que é definida por Hymes (*apud* BORTONI-RICARDO) como o “habilitar do falante a comunicar-se de modo aceitável com qualquer interlocutor, de seu grupo social ou da sociedade mais ampla, investido de qualquer papel social que lhe for atribuído”. Dessa forma ambos ajudam a combater o preconceito linguístico, que concebemos como um dos mais graves em nossa sociedade, em razão de que esse é perpassado de geração em geração e que fora da corrente da sociolinguística educacional permanece invisível despercebido, como reforça Bagno (2007, p. 23-24) "O preconceito linguístico é tanto mais poderoso porque, em grande medida, ele é “invisível”, no sentido de que quase ninguém se apercebe dele, quase ninguém fala dele, com exceção dos raros cientistas sociais que se dedicam a estudá-lo".

A partir das discussões promovidas, o presente trabalho tem por objetivo desenvolver um protótipo de ensino, fundamentado no escopo teórico da sociolinguística educacional, vislumbrando reflexões a respeito da heterogeneidade linguística em conjunto com as teorias que envolvem as multimodalidades.

3. Multiletramentos, Multimodalidades e as Tecnologias na Educação

“Vivemos a era das linguagens líquidas” (ROJO, 2013, p. 8), na qual as novas tecnologias influenciam diretamente nos processos comunicativos estabelecidos diariamente nas diversas esferas sociais, isto é, a alta complexidade do mundo moderno acaba exigindo cada vez mais de seus interlocutores, sua inserção no âmbito virtual.

Com o advento da web 2.0, a internet tornou-se ainda mais interativa, principalmente no que diz respeito às publicações em redes sociais. Nessa perspectiva, a dicotomia leitor vs. produtor tornou-se obsoleta, uma vez que uma pessoa pode exercer esses dois papéis simultaneamente, caracterizando o que Rojo (2015) denomina de *lautor*⁴. Nesse sentido, evidencia-se que a leitura e a escrita são atividades fundamentais no meio eletrônico, uma vez que a navegação entre os diversos sites exige que os usuários leiam e escrevam com frequência.

Nesse ambiente virtual, assim como nas demais esferas, as atividades de leitura e de escrita ocorrem através dos diversos gêneros textuais, que são definidos por Marcuschi (apud DIONISIO, 2002) como “ações sócio-discursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo”; dessa forma, o conceito de letramento faz-se relevante, uma vez que os diversos modos de significar e constituir os textos na rede demanda um pouco mais do que uma simples decodificação. Kleiman (1995, p. 18-19) define letramento como “[...] um conjunto

⁴Definição de leitor e autor no ambiente virtual, visto que os internautas praticam as duas ações simultaneamente.

de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”.

A internet nos possibilita conhecer o mundo, conjuntamente com as diversas culturas e as línguas que as constituem. No que diz respeito ao Brasil, podemos contemplar a multiplicidade cultural em consonância com o português que é considerado a língua oficial, mas que comporta uma gama de variedades linguísticas de acordo com os vários aspectos sociais que a influenciam. Essas variações se refletem no âmbito digital e ganham um alcance imaginável, uma vez que muitas vezes o preconceito linguístico se infiltra nesse espaço a fim de julgar as pessoas em relação às formas linguísticas que elas utilizam. Nesse sentido, “o discurso reconstrói no ciberespaço as estruturas de dominação, legitimando a ideologia de dominação da sociedade, particularmente as estruturas de violência simbólica”. (ARAÚJO; LEFFA, 2016, p. 20).

Essa pluralidade nos diversos gêneros discursivos, nos recursos que podem constituir um texto, nas diversas formas de utilizar a linguagem que caracterizam a variação linguística, evidencia o quanto a linguagem utilizada na internet é igualmente heterogênea, tanto do ponto de vista dos recursos textuais, discursivos e semióticos como das variedades linguísticas (Cf. BEZERRA; LÊDO, 2016). Dessa maneira, é possível, dependendo do gênero, encontrar a utilização de variedades linguísticas com maior ou menor prestígio na internet.

Esse processo acaba refletindo no recinto escolar, visto que a formação de leitores proficientes se tornou essencial para um desenvolvimento social mais efetivo, fazendo-se necessário a diversificação dos textos trabalhados em sala de aula, explorando além da modalidade escrita, os

múltiplos recursos semióticos existentes nos mesmos, caracterizando-os como textos multimodais ou multissemióticos. A partir de então defendemos que a escola deveria primar por um trabalho fundamentado na óptica dos multiletramentos, que são definidos por Rojo (2012, p.13) com base em dois conceitos elementares: “[...] a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais se informa e se comunica.” O primeiro aspecto trata da multiplicidade de culturas que constitui a sociedade brasileira, onde os membros dessa pluralidade começam a produzir novas formas de comunicação, principalmente a partir das novas tecnologias. Para Rojo (2012, p. 13), no que diz respeito à multiplicidade de culturas, diz que:

“[...] o que hoje vemos à nossa volta são produções culturais letradas em efetiva circulação social, como um conjunto de textos híbridos de diferentes letramentos (vernaculares e dominantes), de diferentes campos (ditos ‘populares/de massa/erudito’), desde sempre híbridos, caracterizados por um processo de escolha pessoal e política e de hibridização de produções de diferentes ‘coleções’.

No que tange à multiplicidade de linguagens, referimo-nos aos diversos recursos semióticos (texto, vídeos, áudios, imagens, entre outros) utilizados para a constituição dos textos tanto no ambiente digital, como no impresso “e que exigem capacidade práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para significar” (ROJO, 2012, p. 19).

Direcionando esses conceitos para o ensino de Língua Portuguesa, mais especificamente no que se refere às

variedades linguísticas, compactuamos com os argumentos de Bezerra (apud DIONISIO 2014, p. 43) de que “incluirá, necessariamente, o estudo da língua como objeto heterogêneo, dos gêneros e textos como multifacetados e flexíveis e das estruturas linguísticas como formas adequadas aos gêneros textuais produzidos socialmente”. Nesse sentido, fica evidente que ocorre um amoldamento tanto da língua como dos textos e seus gêneros, de acordo com a situação comunicativa, cabendo ao professor direcionar sua prática pedagógica de forma reflexiva e que consiga contemplar todos esses aspectos de adequação, auxiliando no desenvolvimento da capacidade comunicativa e, simultaneamente, a proficiência dos alunos mediante aos diversos recursos semióticos constituintes dos textos.

Todavia, reconhecemos que, na realidade, o tratamento dado à questão da variação linguística e dos multiletramentos dentro do contexto escolar ainda é incipiente e, muitas vezes, estereotipado, uma vez que há uma supremacia de uma forma em detrimento das outras, isto é, diante da diversidade linguística existente, a norma padrão se sobressai em relação às demais formas do uso linguístico, enquanto a noção de alfabetização (escolarização do letramento) se destaca dentre as diversas práticas letradas.

Dessa forma, acreditamos que o ensino de língua portuguesa ainda ocorra de maneira exclusora, em consequência do tradicionalismo imposto desde os séculos passados. Nessa conjectura, a escola comporta-se como uma guardiã da tradição gramatical e das práticas situadas estritamente nos textos escritos, somente em sua decodificação e estrutura.

Defendemos que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's), foram criadas para facilitar a vida das pessoas, mas muitas vezes são vistas pela educação como

inimigas, dado que na maioria das circunstâncias ao invés de utilizá-las a favor de sua prática docente, o professor tenta competir com essas em suas aulas, ou seja, enquanto as aulas são ministradas de acordo com os métodos tradicionais, os discentes têm acesso a todo o conteúdo na palma da mão, através da internet acessada de seus aparelhos eletrônicos, eles são nativos digitais.

Em suma, essas questões impõem novos desafios ao ensino de língua, o que originou diversas pesquisas na área de ensino/aprendizagem e sua relação com novas tecnologias. Nesse cenário, o processo de reelaboração dos gêneros textuais discursivos bem como às multimodalidades, as TIC's e os multiletramentos ganharam força.

4. Desenvolvimento do protótipo didático

Conceituamos o termo protótipo didático como estratégias idealizadas para o ensino. Rojo (2012, p. 8) os edifica como “estruturas flexíveis e vazadas que permitem modificações por parte daqueles que queiram utilizá-las em outros contextos que não o das propostas iniciais”, ou seja, o professor pode alterá-lo de acordo com as suas necessidades e do desenvolvimento da turma.

Nosso protótipo didático consiste num projeto contínuo com duração de quatro meses, mas é claro que na realidade, o professor pode adaptá-lo a necessidade da turma. Nossa idealização constituiu-se em um misto entre aulas ministradas oralmente e/ou ambientadas na fanpage *Armaria me engula só porque eu falo assim*, ambas realizadas/supervisionadas pelo docente. Para a realização do trabalho de uma forma menos complexa, propomos que, primeiramente, o conteúdo relacionado às variedades linguísticas seja discutido em sala, através de exemplos,

debates, dentre outros. Após esse período, quando o corpo discente já estiver familiarizado com os termos variedades diafásicas, diastráticas, lexical, preconceito linguístico, dentre outros conceitos próprios da Sociolinguística, defendemos a incorporação da rede social nas atividades de sala. Circunstancialmente, enfatizamos a necessidade de um preparo tanto dos demais membros da escola (diretor, coordenador, etc.), como dos pais, ou seja, como o suporte para o desenvolvimento das atividades é o facebook, torna-se preciso explicar que seu uso é para fins pedagógicos, evitando, assim, maus entendidos e atritos entre esses personagens.

Conforme a proposta implementada por Antunes (2003), sobre as modalidades de uso da Língua Portuguesa no contexto escolar, desenvolvemos nossa proposta fixada em duas modalidades: a oral e a escrita. No que tange ao trabalho com a oralidade dentro do protótipo pedagógico, pensamos num conjunto de atividades que consigam abordar a heterogeneidade que se manifesta na língua. À vista disso, ressaltamos a necessidade de o professor promover aulas sobre o assunto, debates a partir de questionamentos relacionados às variedades, dos vídeos ambientados na página que trabalham com a modalidade oral/imagem simultaneamente, além da análise de algumas imagens que tragam diferenças linguísticas. Vejamos agora alguns apontamentos que podem ser realizados em sala de aula:
Primeira situação:



*FONTE: Bode Gaiato.*⁵

Essa figura possibilita uma infinidade de abordagens, mas detemo-nos aqui ao fator da correção linguística, pois no decorrer da cena vemos que a personagem Bio é retificado imediatamente quando afirma que está com dor no espinhoso. Vemos nesse enquadramento que mesmo não havendo prejuízos na comunicação, a expressão “espinhoso” passou longe de ser aceita. A partir de então é válido uma

⁵ Disponível em:

<https://www.facebook.com/ObodeGaiato/photos/pb.463932880336643.-2207520000.1426394451./931644126898847/?type=3&theater>. Acesso em 04/agosto/2016.

roda de conversa entre os alunos, a fim de observar o que eles compreendem sobre esse acontecimento: se já viram pessoas falando dessa maneira, se algo do tipo já aconteceu com eles, principalmente na escola.

Segunda situação:



FONTE: Bode Gaiato.⁶

⁶ Disponível em: <<https://www.facebook.com/ObodeGaiato/photos/pb.-5686751808949/?type=3&theater>>. Acesso em 27/set/2016.

Esta opção traz expressões como “oxente” “mingula”, exemplos de variações linguísticas de caráter diatópico, que podem propiciar um trabalho oral/escrito, uma vez que o professor pode puxar do alunado termos que eles acham típicos da comunidade de fala nordestina; e, depois, pedir para que eles façam um quadro com os resultados obtidos. Terceira situação:



FONTE: <https://facebook.com/ObodeGaiato>. Acesso em 03 fev. 2016.

A língua como fenômeno heterogêneo permite variações dentro de sua estrutura, todavia, algumas destas são consideradas de maior ou menor prestígio conforme a sociedade que a utilize. Vocês concordam com esse julgamento da personagem Ciço?; já passaram por alguma situação parecida? Descreva-a.

Ao final da aplicação desse protótipo de ensino, o professor pode sugerir que os alunos gravem um vídeo em formato de telejornal, a fim de noticiar aos demais membros da sociedade, a vivência desses quatro meses de estudo e

discussões sobre a variação linguística através do *facebook*, resultando, assim, na culminância do projeto. Esse vídeo pode ser postado na própria fanpage da turma, para que eles possam compartilhar em seus perfis do *facebook*.

A partir desses apontamentos, conceituamos que o professor pode desenvolver em sua prática didática, várias outras inquietações relacionadas ao preconceito linguístico e também trabalhar termos chave da sociolinguística, transpostos para o processo educacional. Constatamos que muitas outras discussões linguísticas podem ser promovidas através desse *website*.

5. Considerações Finais

As novas tecnologias permeiam a vida dos seres humanos, podemos encontrá-las em praticamente todas as atividades realizadas em nossa sociedade. Por esse motivo, há uma constante busca em fazer máquinas mais ágeis, potentes e inteligentes, que facilitem as tarefas do dia a dia. Nessa conjectura, o processo educacional não pode ficar alheio a esse fenômeno, isto é, a sociedade se moderniza em todos os aspectos, faz-se justo que esse mesmo fenômeno ocorra na educação, uma vez que os avanços tecnológicos podem influenciar na melhoria da qualidade de ensino. Nesse sentido, empreendemos o uso da internet como um importante aliado no desenvolvimento das aulas sobre as variedades linguísticas, uma vez que tanto a diversidade linguística como o *facebook* participam ativamente da realidade discente.

6. Referências

AMARAL, Mateus Henrique do. PINELLI, Danielle Máximo Plens. **Um recorte da variação linguística nas redes sociais digitais:** o dialeto nordestino do bode gaiato e o gauchês da página @_riograndedosul. Web-Revista SOCIODIALETO. ISSN: 2178-1486. Volume 6, Número 16, julho 2015.

ANTUNES, I. **Aula de português – encontro e interação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ARAÚJO, Júlio (org.). LEFFA, Vilson (org.). **Redes Sociais e ensino de línguas:** o que temos a aprender? /. São Paulo: Parábola Editorial, 1. Ed, 2016.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso:** por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. **Preconceito linguístico:** o que é, como se faz. 49^a. ed. São Paulo: Editora Loyola, 2007.

_____. **A norma oculta:** língua & poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BEZERRA, Benedito Gomes. LÊDO, Amanda Cavalcante de Oliveira. **Concepções de alunos sobre língua e escrita em dispositivos móveis.** Hipertexto: Revista digital. v.14, abril 2016.

BORTONI-RICARO, Stella Maris. **Educação em língua materna:** A sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **Manual de Sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2014.

_____. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____. **Sociolinguística Educacional.** ABRALIN, 2009. Disponível em

<http://www.stellabortoni.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=901:

titulo: [_soiolioguistia_iiuiaiiioal&catid=1:post-artigos&Itemid=61](#)>, acesso em 05 de setembro de 2016.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DIONISIO, Ângela Paiva. **Multimodalidade e leituras:** funcionamento cognitivo, recursos semióticos, convenções visuais. (Org). Recife: Pipa Comunicação, 2014.

KLEIMAN, Ângela. **Os significados do letramento.** Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 1995.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais:** definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais & ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. pp 19-63

MONTEAGUDO, Henrique. **Varição e norma linguística:** Subsídios para uma (re)visão. In: _____. **Políticas da norma e conflitos linguísticos.** São Paulo: Parábola, 2011. p. 15-49.

MUSSALIM, Fernanda. Bentes, Ana Christina. (Org). **Introdução à linguística:** domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2012.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jaqueline. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos.** 1º Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. (Org). **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROJO, Roxane. (Org). **Escola Conectada:** os multiletramentos e as TICS. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral.** 20^a. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola:** uma perspectiva social. 17^a. ed. São Paulo: Editora Ática, 2001.

ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto. (org.). **Pedagogia da variação linguística:** língua, diversidade e ensino. 1^a ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 1930.